

O SUJEITO NO FIM DO MUNDO

| MARDONIO COELHO¹

RESUMO

O texto aborda a questão do sujeito da Psicanálise diante do laço social contemporâneo, enquanto articulado à lógica neoliberal vigente. Lacan vem a nomear esse laço social como o *discurso do capitalista*, como uma *diz-torção* do laço social que ele concebe como aquele que funda a civilização e que ele nomeia como o discurso do mestre. O *discurso do mestre* tem como verdade do seu agenciamento a castração, concebida como barreira ao gozo desmedido, tornando o sujeito um sujeito de linguagem, de desejo, sujeito submetido ao mal-estar na cultura. O discurso do capitalista, por sua vez, articulado a partir de uma torção dos termos do discurso do mestre, funciona em sentido contrário, a partir do desnudamento da lógica capitalista da mais valia e de sua banalização pela lógica da economia de mercado, a qual coloca toda a sua ênfase na produção do capital e no consumo, por parte do sujeito, de um *bem* duvidável, fabricado justamente para escravizá-lo. Dessa forma, a lógica capitalista neoliberal instaura um laço social no qual a posição do sujeito (\$), convertido num consumidor consumido, é continuamente atacada pelo objeto (*a*), cuja principal utilidade é a de franquear ao sujeito uma relação de gozo contínuo e em excesso, porém fugaz, através desse objeto que precisa, portanto, ser constantemente renovado. Assim, o sujeito é convocado a uma modalidade de gozo normalmente submetida à castração. Nesse campo de gozo, o sujeito desaparece como sujeito de linguagem, de desejo e, nesse sentido, é então erradicado, implicando o desaparecimento da civilização *por* ele e *para* ele construída.

Palavras-chave: discurso do mestre, discurso do capitalista, mal-estar na cultura, castração, gozo.

ABSTRACT

The article concerns the problem of the *subject* of Psychoanalysis facing the contemporary social bond based on the logic of neoliberalism. Lacan names it as the *discourse of the capitalist* which is produced by a torsion of the social bond that founded civilization, named by Lacan as the *discourse of the master*. This discourse of the master has castration as a contention against *jouissance*, which is the reason why the subject is a subject of language, of desire, submitted to the discontent towards civilization. The discourse of the capitalist works in the opposite way, in a neoliberal capitalistic logic of increased surplus value and market economy, which gives all emphasis to the production of capital and the consumption of questionable goods and gadgets, developed to enslave the consumer. In this way, the capitalistic neoliberal logic produces a social bond (discourse of the capitalist), in which the subject, turned into a *consumed consumer*, in this discourse, is constantly attacked by the "*object petit a*". The function of this object is to enable a constant and excessive *jouissance*, to the subject, although fugacious, forcing its continuous replacement. Thus, the subject is allowed a modality of *jouissance* which is normally submitted to interdiction. In this field of *jouissance*, the subject is no longer a subject of language and desire. The subject, such as we consider in Psychoanalysis is, then eradicated as well as the civilization he has created.

Keywords: discourse of the master, discourse of the capitalist, civilization and discontent, castration, *jouissance*.

¹ Psicanalista. Analista-Membro da Invenção Freudiana – Transmissão da Psicanálise.

Ground control to Major Tom /
Ground control to Major Tom...

David Bowie – Space Oddity

A partir de Freud, em *O mal-estar na civilização*, concluímos que não há Psicanálise sem a civilização, sem a *polis*. Não há psicanálise sem política. A Psicanálise é um sintoma da *polis*. É estranho que possa haver psicanalista que não entenda assim, já que a Psicanálise nasce para provocar uma ferida narcísica no cerne da civilização, através de um reviramento do sujeito do *cogito* cartesiano, do pensamento, das ideias claras, do domínio do eu. Mais ainda, em seu ponto de partida, em *A interpretação dos sonhos*, para estabelecer um de seus conceitos centrais – o Complexo de Édipo –, Freud alude a dois textos eminentemente políticos, sobre a disputa de poder e da prerrogativa de gozo dentro do centro do poder, na Grécia antiga e na Dinamarca Medieval – *Hamlet Príncipe da Dinamarca* (Shakespeare) e *Édipo Rei* (Sófocles).

O inconsciente freudiano, a divisão do sujeito faz referência direta ao sujeito da cultura (*Das unbehagen in der Kultur*), ao sujeito em sua relação com o outro, com a linguagem, e os limites que essa relação impõe ao gozo, inclusive de seu próprio corpo, o lugar para onde Freud diz que as pulsões retornam para se satisfazerem, já que o corpo é um dos objetos da pulsão. “O inconsciente é a política”, diz Lacan no seminário *A lógica do fantasma*²; a Psicanálise trata da política, na medida em que trata, no nível do sujeito, daquilo que a política trata, no nível da distribuição, na coletividade, na *polis*, como diziam os gregos; isto é, do gozo. Sendo o sujeito produzido por um corte da linguagem sobre o real do homem, por efeito da pulsão³, ele é prometido ao gozo – a falta ou o excesso, que é a medida

2 Lacan, J. (1966-1967). O Seminário, livro 14: a lógica da fantasia. Recife: Publicação não comercial dos membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

3 Freud diz que a pulsão é “[...] o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”. A partir de Lacan, dizemos que a pulsão corresponde ao primeiro corte que a linguagem (lalíngua) faz sobre o real do organismo vivo. A pulsão inaugura o falasser, nomeia os buracos do seu corpo (chamados por Freud de zonas erógenas), faz borda a eles, tornando-os fontes da pulsão, e não mais de puras necessidades.

imprecisa daquilo que se perde entre a necessidade e o desejo, entre a Natureza e a linguagem, entre o organismo e o corpo em sua consistência real, simbólica, imaginária. O gozo remete ao corpo. Porém, como gozar? Do que, ou de quem? O quanto cada um pode gozar e não se perder nisso? Está claro, então, que o gozo não realiza nada, não serve pra nada; é a medida, impossível de aquilatar, de uma satisfação insatisfeita. É, falando mais precisamente, o que se encontra para além do princípio do prazer, na repetição, na dor que o excesso implica, numa homologia com a pulsão de morte. Nas palavras de Lacan, “o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo”.⁴

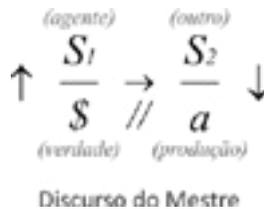
A regular o gozo, fazendo barreira a ele, possibilitando a permanência do sujeito no campo do desejo insatisfeito, está a castração, o interdito do incesto entre o sujeito e o objeto. Ao sujeito fica vetada a possibilidade de, no campo do desejo (e para preservá-lo como o campo do sujeito), se fazer objeto outra vez, como faz, no campo da pulsão, o seu sujeito acéfalo. O gozo, daí por diante possível ao sujeito, será a dimensão fálica do gozo, isto é, um gozo atravessado pela linguagem que media sua relação com o objeto a. Dizendo de outra forma, o gozo possível, no campo da castração, é o gozo regulado por uma operação de linguagem, de recalçamento, que torna o objeto – o falo imaginário da mãe, num elemento de linguagem, o significante fálico – aquele que obriga o falta-a-ser a falar. O objeto alcançado será sempre apenas um significante.

Quero tratar, aqui dos efeitos que a clínica psicanalítica, a psicanálise em intensão, sofre a partir do campo, também impossível, da política. São dois campos onde se buscam possibilidades de gozo que não enxovalhem o sujeito; um como a experiência mais íntima e particular de que se tem conhecimento – o processo de análise. O outro, o campo onde se procura regular a distribuição do gozo entre os homens de um lugar. São duas das *profissões impossíveis* apontadas por Freud (educar, governar, analisar) a se ocuparem de colocar um obstáculo ao gozo fora da linguagem. A política, através do campo jurídico, no estabelecimento das leis, dos avanços e recuos que cada cidadão da *polis* tem que fazer, em sua relação

4 Lacan, J. O Seminário, Livro XVII: o avesso da psicanálise, 1969-1970. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p. 16.

com o outro e com a coletividade; a Psicanálise, através do trabalho com aquilo que é inconsciente e que diz respeito aos pensamentos (*gedanken*) recalçados, relativos ao processo de passagem da condição de sujeito acéfalo na pulsão para a condição insatisfatória de sujeito no desejo. Essa é a clínica que imaginamos ser freudiana, na medida em que convoca a repetição, a pulsão (vida e morte) e seu objeto *unheimlich*.

Gaudere humanum est, magnificare autem diabolicum (Gozar é do sujeito, gozar mais ainda é diabólico)⁵. Dissemos, acima, com Lacan, que o sujeito (\$) é a resposta do Real (do ser) ao corte que sofre da linguagem. Assim, ao intervir no campo do saber⁶ (S2) que rege a desnatureza do homem, o significante mestre (S1) representa o sujeito para os demais significantes da rede de significantes que se entrecruza. Porém, essa operação não é tão bem sucedida, o real resiste à significação. Algo resta não representado(a), cai, nesse processo. Será em torno dessa perda que todo sujeito deverá constituir sua falta, como aquilo que anima o seu desejo, nunca a ser satisfeito. Essa perda inaugura o sujeito da linguagem, súdito do significante. É a perda do objeto que o constitui como sujeito. Do ser à *falta-a-ser*. São esses os elementos que constituem uma topologia de Lacan chama de *discurso do mestre* (figura 1) e que põe ser o discurso⁷ que funda a civilização.



5 Variação livre, de minha autoria, da frase, em Latin, atribuída a Seneca, mas também a Santo Agostinho, "Errare humanum est, perseverare autem diabolicum".

6 Um campo de saber onde todo humano vem a ser acolhido, ou aprisionado, quando um sujeito surge na cultura; por exemplo, as relações elementares de parentesco, a interdição do incesto, entre outros saberes que organizam mínima e preliminarmente o gozo.

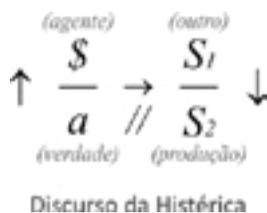
7 No sentido específico que Lacan dá a esse termo em O avesso da Psicanálise, discurso não se refere ao dizer, à fala aos enunciados daquele que nomeia o discurso (mestre, histórica, analista e universitário). Aqui, discurso se refere sempre ao laço social e à posição de gozo proposta ao sujeito pelo agente do discurso, sendo os possíveis agentes o significante mestre (S1), o sujeito (\$), o objeto (a) e o saber (S2).

Numa perspectiva de laço social - da relação do sujeito com o outro, e, numa referência à dialética hegeliana do senhor e do escravo, é na condição de falta-a-ser que o sujeito (\$) se torna a verdade do mestre (S1) que impõe ao escravo (S2) que trabalhe para produzir um objeto (a). O saber está do lado do outro, do escravo e o senhor não sabe sequer que não é senhor em sua própria casa. Não poderá gozar, por completo, do objeto da produção do seu escravo. Uma parte disso deverá ser reinvestida nos meios para a sua produção. O gozo deve ser limitado. Mais adiante, Marx dará nome a isso que se produz de sintomático e de gozo nesse laço social e que o sustenta; *mais-valia*, como já adiantamos. Como dado fundamental desse discurso sem palavras, temos o fato de que a verdade do mestre é a castração (\$), o senhor não pode, como já foi dito, gozar de toda a mais valia que obtém. Mais uma vez, podemos apontar a operação de linguagem (a castração) que transforma um objeto em significante. O *objeto a* não está disponível ao sujeito em sua dimensão real, o gozo implicado em sua presença real seria destruidor. Está fundada a civilização.

Acontece que esse objeto, resto da operação de linguagem sobre o real, retorna sempre ao mesmo lugar no fenômeno que chamamos de repetição e que representa um resto de real preso ao sintoma. Este último, tendo caráter significante, representa o sujeito diante de outros significantes. Assim, afetada pela presença do objeto de sua perda, representada por seu sintoma, e sofrendo do caráter repetitivo deste, o sujeito (\$) - a histérica de Charcot, de Breuer, de Freud - pede ao mestre que produza um saber sobre o seu sintoma. Um saber que a acalme, que lhe reduza o gozo do qual ela mesma não está inteiramente convencida de abrir mão. Numa aula do seminário 11, Lacan nos convida a nos indagarmos por que nossos analisantes, apesar de toda sua insatisfação, estão, ainda assim, tão satisfeitos. Esse saber que o mestre produz sobre a histérica é, no entanto, impotente em explicar tanto seu sofrimento quanto a implicação do objeto como verdade do seu sintoma, de sua falta a ser. Assim, a histérica pedirá a Breuer (o mestre) que a deixe falar e que vá passar suas férias em Roma, com Mathilda. Foi esse o modo que Bertha Pappenheim usou para destituir Breuer, o mestre, o médico dos médicos, de Viena.

Você disse a Freud que não há nada de sexual na etiologia da minha neurose... pois estava enganado! Eis aqui o filho do Dr. Breuer que está chegando! Você me deu alta, pois deixe-me! Vá passar sua segunda lua de mel em Roma com sua esposa e deixe-me em paz, limpando minha chaminé!

A histérica tem essa grande qualidade para uma análise; se o analista suporta escutá-la, ela tem muito a dizer. *O discurso da histérica* (figura 2) – não suas palavras –, mas o laço que ela agencia com o analista é, na verdade, a condição necessária para que uma análise possa acontecer. Mas Breuer não era um psicanalista. Não suportou os efeitos de transferência, nem a etiologia sexual da neurose de sua Anna O.



A invenção freudiana, seguramente o grande acontecimento, na Cultura, dos últimos 120 anos, consiste, em poucas palavras, na compreensão por Freud de que deveria nem recusar, nem atender à demanda de suas histéricas; nem recusar, nem retribuir o seu amor; apenas continuar escutando. Nessa posição, o analista faz semblante de objeto *a* (não é um fazer de conta, como querem alguns; Freud recomenda jamais tentar enganar uma analisante). *Faire semblant* de objeto, segundo Lacan, está mais perto do que longe do real, apenas não é todo real. Mentir sobre isso seria uma impostura. Fazer-se objeto de fato, seria igualmente uma impostura. A famosa e quase esquecida (hoje em dia) abstinência do analista consiste em não responder. Nem sim, nem não. “Continue falando...”, é o que podemos dizer.

Essa posição do analista (figura 3), como semblante de objeto, em um novo laço social, ou de trabalho, tomando posição de agente deste laço que Lacan chama *o discurso do analista*, em sua não resposta à demanda do *discurso da histérica*,

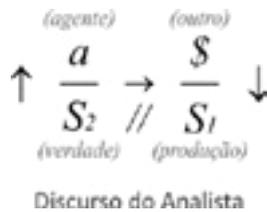
tem por efeito colocar o analisante no lugar do outro, a trabalhar com sua fala. Sua produção, porém, não sustentará nenhuma mais-valia. No lugar da produção estará não um objeto, mas um significante. O que um sujeito produz na análise é um significante da ordem daquele significante que o representa, primordialmente, diante da rede de significantes. Por isso, por ser um significante perdido, ele estará sob a barra, recalcado.

Do modo como entendemos, numa análise, não se trata de tornar o inconsciente consciente, a análise não é uma pedagogia. O que se produz numa análise não é um autoconhecimento, uma tomada de consciência de coisa nenhuma, mas um significante que, mesmo recalcado, e justamente por isso, reafirma ao sujeito a sua posição de *falta-a-ser* na linguagem, de sua incompletude e do limite do seu gozo e de sua relação com o objeto que ele já foi, um dia, no interior da célula narcísica edípica em que chega ao mundo.

Afirma-se, aqui, o redobramento de uma perda em duas. À linguagem falta um significante para que ela possa se articular a partir do espaço deixado por essa expulsão⁸. Ao sujeito falta, no campo da linguagem, o objeto que perdeu em sua constituição. Em outras palavras, o sujeito produz, em sua análise, causado pelo objeto de sua falta (causa do seu desejo), o significante que o representa como falta-a-ser. É isso a que um tratamento analítico pode aspirar; que um sujeito fale, e assim escreva sua falta-a-ser, obtendo, como consequência disso, uma economia de gozo que o impede de se fazer outra vez objeto, mantendo-o sob os limites da castração. Assim, reafirmamos o dizer de Freud sobre o propósito humilde do

8 O lógico matemático Kurt Gödel estabelece em um teorema (teorema da incompletude) que um sistema não pode ser ao mesmo tempo completo e consistente, pois sempre haverá alguma proposição que não poderá ser provada falsa ou verdadeira. A consistência de um sistema estará na ausência de um de seus elementos possíveis. Essa ausência garantirá a possibilidade de não haver contradições internas que trariam inconsistência a ele. Assim, Lacan toma esse teorema de Gödel para colocar que a consistência do Simbólico está na exclusão do significante primordial (S1), o que equivale dizer que a linguagem não pode significar todo o real, que o Simbólico não contém todos os significantes, que a verdade só pode ser dita num semi-dizer, o que, entre outras consequências, evita que o sujeito, numa condição paranóica, carregasse a verdade no bolso. Por outro lado, essa exclusão abre o espaço necessário para que o sistema tenha consistência, ao fazer intervalo entre S1 e S2, espaço onde o sujeito pode se fazer representar.

tratamento analítico, de conduzir um sujeito, de um estado de miséria neurótica para um estado de miséria comum. Não há sujeito sem mal-estar.



Assim, o gozo (para o sujeito neurótico) está submetido à castração, e, de modo especial, o gozo concernente ao laço social do mestre e ao laço de trabalho do analista. O primeiro porque tem o sujeito barrado (castrado) no lugar da verdade daquele discurso. O segundo porque, no lugar da produção, está o S1, justamente o significante que implica que, para advir, o sujeito deve reconhecer que a estrutura tem um buraco, falta um significante, a verdade toda não pode ser dita, não é alcançável. Portanto, todo saber que venha a se estabelecer como verdade para ele, terá valor de ficção. Tudo está sujeito a não ser como se pensa. Tudo tem que ser inventado, num trabalho. Principalmente no que diz respeito à castração, nesse laço de trabalho do analista, o objeto tem o estatuto de um semblante. Dessa forma, o sujeito não poderá copular com ele, consumando o incesto.

Em 1969, no alvorecer daquilo que irá, dez anos depois (1979), ser nomeado por Foucault⁹ como o neoliberalismo americano, Lacan faz uma observação eminentemente clínica, mas que leva em conta sua observação do cenário da

9 "O liberalismo, nos Estados Unidos, é toda uma maneira de ser e de pensar. É um tipo de relação entre governantes e governados, muito mais que uma técnica dos governantes em relação aos governados. [...] É por isso que eu creio que o liberalismo americano, atualmente, não se apresenta apenas, não se apresenta tanto como uma alternativa política, mais digamos que é uma espécie de reivindicação global, multiforme, ambígua, com ancoragem à direita e à esquerda. É também uma espécie de foco utópico sempre reativado. É também um método de pensamento, uma grade de análise econômica e sociológica. [...] O liberalismo como estilo geral de pensamento, de análise e de imaginação." (Foucault, M. Nascimento da Biopolítica, aula de 14 de março de 1979.)

economia e da ordem de consumo naquele momento. Essa observação diz respeito à relação do sujeito com o objeto causa de seu desejo que ele chamará pelo enigmático nome de *latusa* (*ventouse*)¹⁰, um objeto que aspira o sujeito e que, em seu interior, tudo que restará daquele que foi aspirado será um débil ecoar daquilo que ele foi, um dia, o sujeito.

Vamos chamar isso de *latusas*. O mundo está cada vez mais povoado de *latusas*. [...]. E quanto aos pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas*. (Lacan, 1992, p.153)

Assim, segundo Lacan, o desejo de cada um não está mais em função do sujeito (\$), do inconsciente, mas que agora (então) é determinado pela ciência e pela incidência, sobre o sujeito, do objeto produzido pelas tecnociências em seu matrimônio com a economia de mercado e de hiperconsumo. Isso se manifesta no sujeito da Psicanálise através de sua relação com o objeto. O sujeito como o entendemos, na Psicanálise, a partir de Freud, é um sujeito em eterna busca pela recuperação de uma satisfação que não se repetirá, já que isso representaria a realização do incesto. Com relação ao incesto, Freud entendeu, depois, que sua neurótica estava mentindo e que nem todos os pais de Viena eram perversos

¹⁰ Lacan produz esse neologismo em seu seminário *O avesso da Psicanálise*, em 1970. Na ocasião, faz inúmeras referências que não o tornam menos enigmático. De um modo geral, o tomamos como concentrando uma série de referências que indicam uma espécie de objeto sem utilidade e, ao mesmo tempo, de enorme apelo como objeto fabricado para capturar o desejo e promover uma espécie de gozo através do entretenimento, algo que se assemelha ao termo *bugiganga*, em português, mas que se caracteriza principalmente pelo fato de ser produzido por uma articulação entre ciência e o capitalismo de hiperconsumo para capturar o sujeito num efeito de sideração por uma satisfação fugaz que, assim, deverá ser substituída por outra, continuamente. Lacan faz referência à ideia de aspiração do sujeito por um objeto *ventosa* (*ventouse*) que captura seu desejo, reduzindo o sujeito a uma condição de objeto. No mesmo trecho do seminário, faz menção à relação de *Latusa* com a voz – objeto da pulsão, que é soprada por *Latusa* e que, segundo ele, era a última débil relação dos astronautas com o campo da verdade e do não esquecimento, em sua comunicação com a Terra. Essa passagem me lembrou a música “*Space Oddity*”, de David Bowie, que fala de um astronauta perdido no espaço sem comunicação com sua base.

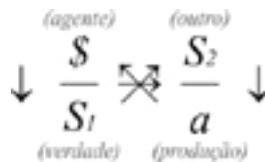
que seduziam suas filhas. Mas, ele sabia também que esse incesto do complexo de Édipo não seria uma relação carnal do filho com sua mãe; por isso mesmo, teria preferido Hamlet para dar nome ao seu complexo. Esse incesto era, já para Freud, uma questão de estrutura – a relação do sujeito com a castração e suas defesas diante do fato desta castração; *Verdrangung*, *Verwerfung*, *Verleugnung*. Por isso, Lacan, depois de ter feito seu retorno a Freud, procedendo ao seu próprio desenvolvimento teórico, irá colocar essas questões em termos da relação de gozo do sujeito com o objeto da pulsão (perda) e do desejo (falta), em outras palavras o objeto *a* – resto da operação de castração ou, ainda, da inscrição do sujeito na linguagem, que são aspectos diferentes de uma mesma operação.

Então, o objeto da perda constitutiva, ou o objeto faltante (do desejo) para cada sujeito, assim como sua relação com ele, serão determinados pelos efeitos do significante sobre o sujeito, isto é, aquilo que é inconsciente – a castração, o seu recalçamento (no caso do sujeito neurótico), a sua localização na estrutura em relação ao gozo. Porém, a partir do momento em que *latusa* intervém, não será mais assim. O efeito do laço social agenciado pelo neoliberalismo elide a castração. Neste *discurso do capitalista* (figura 4), tudo aquilo que constitui o sujeito, tal como o conhecemos, na Civilização está de cabeça para baixo. Não será mais o S1, em sua condição inalcançável, expulso da cadeia, a determinar o sujeito, como uma falta-a-ser, também no que diz respeito à linguagem, um sujeito que carece também do significante. Agora, o sujeito poderá saber tudo, dizer tudo, conhecer o nome de Deus, por exemplo. Aquilo que seria recalçado, e inconscientemente a afetar o sujeito, estaria agora prometido ao sujeito abertamente. A Ciência oferece a possibilidade de tudo saber. É como se a ciência pretendesse aniquilar a própria falta no Outro, não faltará nada, nem mesmo um significante. Tudo será esclarecido.

A própria Psicanálise propõe um saber ao sujeito, no lugar de sua verdade, mas um saber não todo e inconsciente. Um saber que não chega ao sujeito como um conhecimento científico, embora o afete, o que não é pouco. O que a Ciência propõe em seu projeto de esgotamento do real – o que terminaria por erradicar o sujeito, é um saber completo sobre o real, vendável como objeto de consumo,

destinado a produzir sujeitos especialistas, portadores de saber científico sobre qualquer coisa, saber este, cuja função maior é a de ser meio de gozo.

Quanto ao objeto, este se arremete num ataque extremamente voraz, sobre um sujeito que será um “consumidor consumido”¹¹ pelo seu próprio consumo. O que se passa aí é que essa classe de objeto (latusa) se pretende e se promete ao sujeito como obturador de toda falta, já que sua promessa é de completa satisfação. Em última instância, quando isso se realiza, como acontece com o sujeito adicto, em sua dose final, letal, sua *overdose*, implica o fim do sujeito, em todas as suas dimensões, inclusive orgânica. Porém, como isso não é possível, economicamente – não é viável liquidar, concretamente, o sujeito consumidor, então é o objeto que será fugaz. Fugaz, porém renovável, sempre em upgrade, renovando assim, também, a sua promessa de satisfação. Dessa forma, nessa relação com o objeto, em que a castração fica elidida, o gozo é magnificado a uma dimensão antes interdita. Uma zona de gozo que, ao adentrá-la, o sujeito se dissolve como tal.



Discurso do Capitalista

Nessa condição de gozo, o sujeito torna-se vulnerável à angústia, conseqüentemente, à passagem ao ato e a outros fenômenos que a clínica nos apresenta em situações graves, de risco para o sujeito. Esses fenômenos escapam à linguagem e à elaboração no campo do Simbólico, escapando, assim, à condição metafórica que tem, para a Psicanálise, o sintoma. Aparecem, contudo, em nossos pacientes como certos adoecimentos somáticos (o termo psicossomático é questionável, em nossa referência, pois mais separa corpo e alma do que os articula); ou como intervenções abusivas, de natureza real, no corpo do imaginário, por exemplo, nas cirurgias

¹¹ Título de artigo de Ricardo Goldenberg, em Goldenberg, R. (1997). (org.). Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma.

plásticas para a transformação ou caracterização do sujeito como simulacro de figuras do universo *pop*; nas relações com certas drogas lícitas ou ilícitas, como anabolizantes para equinos utilizados por rapazes viciados em academia; no abuso de drogas na toxicomania; na violência contra o outro, no ambiente virtual da Internet, com práticas de difamação, divulgação da intimidade da parceira ou parceiro sexual, ou, mais recentemente, o chamado “cancelamento”. Somam-se a isso, ainda, a violência física, moral, psíquica, como no estupro, ou em exposições de si, ou do outro, a situações de risco de vida, em práticas sexuais capazes de acarretar rupturas de tecidos, ferimentos, transmissão de DST; os atos criminosos contra a integridade física do outro; situações de automutilação e escarificação, comuns aos adolescentes, porém, não apenas a eles. A lista é grande e talvez infundável, compatível com uma representação fantasística de fim de mundo.

Então, na modalidade de gozo que o *discurso do capitalista*, ou o laço social neoliberal, propõe, perde-se aquilo que constitui o sujeito da Psicanálise o sujeito barrado (\$), o sujeito da perda, da falta, representado por um significante que não se materializa, e cujo corpo tem um avesso perdido irremediavelmente, sob a forma de objeto a. No *discurso do capitalista* tudo será possível, quando algo deveria ser impossível. É assim que, nesse laço social que vigora hoje, resta, cada vez mais, cada vez menos do sujeito, até que reste apenas um leve sopro... “*Ground control to Major Tom / Your circuit is dead, there’s something wrong / Can you hear me, Major Tom?*”.

REFERÊNCIAS

- Lacan, J. (1966-1967). O Seminário, livro 14: a lógica da fantasia. Recife: Publicação não comercial dos membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, Livro XVII: o avesso da psicanálise, 1969-1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Goldenberg, R. (1997). (org.). *Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise*. Salvador: Ágalma.